

DAS CATEGORIAS: MORTE, COMIDAS E FESTAS TÍPICAS, DAS NAÇÕES ESPANHOLA, PERUANA E MEXICANA, ANALISADAS NUMA PERSPECTIVA SOCIOCOMUNITÁRIA E MULTICULTURAL

Lilian de Souza¹

Eixo temático: Educação Sociocomunitária na atualidade

Resumo

O presente estudo propõe explorar a perspectiva da educação Sociocomunitária e multicultural nas aulas de língua e cultura espanhola, levando os aprendentes por meio do outro idioma, o incentivo à multiculturalidade e à reflexão sobre a própria cultura, sensibilizando-os à sua própria realidade, com o objetivo de transformá-la e transformar-se. Partindo da hipótese de que língua e cultura não são dissociadas, mas fazem parte de um único corpo de ensino, que pode levar o aprendente ao conhecimento do Outro como um sujeito cultural, pertencente não somente a um lugar geográfico, mas a uma nação. O aprendizado de um outro idioma, pela ótica da multiculturalidade, ligada com a Educação Sociocomunitária, no sentido de beneficiar o empoderamento dos sujeitos e das suas comunidades de relação pelo alargamento da reflexão ética e crítica sobre as concepções que se constroem da realidade. Como as temáticas escolhidas: morte, alimentação e festa foram de forma a serem uma amostra da construção da visão de mundo dos hispanos falantes. São esses aspectos habituais do viver humano, mas que de certa forma apresentam as percepções da vida e do real, expressivas da cultura de cada nação. Justifica-se a escolha dos três países devido as visões do mundo hispano falante de cada povo, pelas contribuições socioculturais que denotam e como as culturas mexicana, peruana e espanhola desenvolveram suas concepções sobre a morte, comida e as festas comemorativas.

Introdução

O primeiro contato dos espanhóis ao desembarcarem nas Américas foi a tentativa de contato com os habitantes dessa terra, deu-se um novo e significativo desenho da história mundial. A concepção que ambos os povos tinham do mundo se mostraram como definidoras das ações posteriores tomadas e que amoldaram o processo de colonização. A interpretação do sujeito ou do grupo perante o encontro com o Outro está relacionada aos aspectos cognitivos, externalizados pela linguagem (oral, gráfica ou corporal); essa atendida como um sistema de lentes lançada sobre a realidade, responsável pela “visão de mundo” de cada um.

Com o objetivo de que a interação ocorresse de forma a conduzi-los ao conhecimento do diferente, que estava diante deles, mesmo em circunstâncias complexas como a dos espanhóis com os indígenas, seguramente, tentativas de comunicar-se verbalmente foram examinadas pelos dois lados. Após os jesuítas terem estudados as línguas indígenas com o

¹ Mestre em educação pela UNISAL, Americana – SP. E-mail: liliandessouza@gmail.com.

intuito de mais bem compreender os povos com quem os europeus estavam se relacionando, foi iniciado a catequização, por meio do teatro catequético, introduziram a música clássica, registraram as línguas nativas por escrito, entre outras ações que camuflava a imposição da língua espanhola.

A linguagem é uma grande propulsora para entender a visão de mundo dos povos e, enraizados à ela, estão os aspectos culturais, que direcionam além dos pensamentos, as ações e atividades presentes na vida dos seres, como a dança, a música, a comida, a bebida, dentre outras manifestações.

A escolha dos três temas: a morte, a alimentação e a festa; tomados como base exemplificadora da edificação da visão de mundo dos hispanos falantes. São aspectos cotidianos, que incorporam concepções da vida e da realidade, significativas, dessa forma, da cultura. Tais temas foram aqui demarcados pelas nuances das nações espanhola, mexicana e peruana, por serem três vertentes icônicas da língua espanhola, decorrentes de suas respectivas histórias, culturas e da localização geográfica dos países, que pertencem respectivamente à Europa, América do Norte e América do Sul. Busca-se melhor compreender os falantes do espanhol, por meio do seu passado e da sua cultura, que se conjecturam incisivamente na forma de vida atual de sua população e, consecutivamente, na língua da qual fazem uso.

A questão da morte para os mexicanos, peruanos e espanhóis

Sendo a morte a única verdade incontestável para o ser humano, os símbolos que a permeiam vão se apresentando distintos nas diversas culturas, o modo como é abordada e a maneira como é encarada vão moldando as formas de lidar com a realidade das sociedades. Conjeturar sobre essa temática é pouco comum em nosso cotidiano, mas o sujeito pré-hispânico convidava a pensar sobre a dualidade com que se envolvia a relação vida-morte, como parte do ciclo natural da vida humana. A tradição agrária identificava a temporada da seca com a morte e a estação das chuvas com a vida, como afirma o arqueólogo mexicano Matos Moctezuma (2010, p. 75):

Dicho en otra forma, de la muerte deviene la vida y de ésta viene la muerte. Se trata del concepto mesoamericano de ver esta dualidad como un ciclo constante, repetitivo, tal como ocurren muchos de los fenómenos de la naturaleza, en donde las sociedades agrarias observan cómo los cambios ocurren a lo largo del año y vuelven a producirse dentro de una constante de vida-muerte-vida-muerte.

Os seres humanos criaram muitos costumes e rituais em torno da morte, cada cultura lida com esse tema de maneira distinta, a exemplo de seus antepassados, contudo a raiz dessa tradição é visível na sociedade atual peruana, mexicana e espanhola, como será tratado nas páginas que seguem.

A religião influencia, de forma direta, a temática sobre a finitude humana e o além-vida, são conjecturas que auxiliam o descortinamento ideológico, ou seja, facilitando a visão de outras formas de pensar, ver e lidar com a realidade e temas que envolvem o viver humano de muitos povos e a concepção de determinadas atitudes frente à importância, para alguns, em como morrer e, para outros, em como festejar a morte. De acordo com Geertz (1989, p. 67): “A noção religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana”.

Crenças são criadas pelos seres humanos em torno da problemática do significado da morte, pois é na tentativa de dar sentido às experiências cotidianas que se lança mão de recursos simbólicos, adequados aos critérios éticos e normativos de cada cultura. Nessa tentativa de significar o mundo, a perspectiva religiosa difere-se da científica devido a indagação descrente dessa última sobre a vida. O sentido de crer no intangível é no que se baseia o ponto de vista religioso, direcionando o uso de símbolos convincentes, e de certa forma invioláveis, por meio dos rituais:

É no ritual — isto é, no comportamento consagrado — que origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial — ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo — que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existencial que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras (GEERTZ 1989, p. 82).

Devido a alguns ritos, que decorrem da religião, os sistemas sociais são impactados de forma direta, quando se festeja, por exemplo, a morte com os sacrifícios de seus melhores guerreiros. Em outra nação, os festejos se dão juntamente com o morto, há o enterro dos seus servos e mulheres, ainda vivos; enquanto que para outros, ainda, a visita ao cemitério, acompanhada de flores, já é o suficiente para render as homenagens fúnebres. Os ritos fúnebres são influentes no campo social e psicológico, modelando as atitudes pessoais e coletivas de um grupo social.

Para a civilização Maia, que acreditava na vida após a morte os rituais funerários se baseavam na preparação do defunto para uma viagem a uma outra existência. Esse era sepultado com alimentos e pertences pessoais, que o auxiliariam nessa passagem e,

dependendo da classe social à qual pertencia, os escravos e mulheres eram sacrificados para acompanhar o morto em sua jornada.

Com a crença de que a morte aclarava a vida, os Astecas tinham uma maior preocupação com a forma de morrer do que com o próprio curso da vida, pois era devido à maneira como se morria que o falecido seria lembrado – e iluminado em seu caminho transcendental- ou não. Para aqueles que morriam por causas naturais, de velhice ou doenças, o lugar que os esperava era o Mictlán, uma espécie de inferno, que abrigava os mortos por nove anos, e depois desapareceriam para sempre (FONTENELE, SILVA, SOUSA, 2006).

Já para os guerreiros astecas, e para os que eram submetidos ao sacrifício, a morte significava que seriam enviados para viver quatro anos com o deus Sol e depois se reencarnariam em colibris e borboletas. Essa era entendida como a forma mais honrosa de deixar esse mundo e ser lembrado eternamente. Percebe-se que a morte estava intimamente ligada à continuidade da relação com a vida, respeito e sintonia com a natureza, com a qual conviviam de forma harmoniosa. As crianças, ao morrerem, se tornariam pássaros, e as mulheres que viessem a falecer no parto, fecundariam a terra. Cancino [et.al.] (2012, p.588) afirmam que:

la muerte pasa a ocupar un lugar privilegiado, no sólo em función de su carácter individual, sino también en lo que hace a un criterio social...Teniendo en cuenta que a través del tiempo las diferentes culturas atribuyeron múltiples significaciones a la muerte y crearon en torno a ella ritos, símbolos y representaciones, buscando sobreponerse a lo inevitable, la propia desaparición.

A festividade asteca dos mortos era iniciada aproximadamente no mês que se referiria ao mês de agosto do calendário contemporâneo, e durava um mês. Com a imposição religiosa cristã, que ocorreu com a chegada dos espanhóis, no decorrer dos anos que se seguiram à essa, sofreu uma mudança para o calendário cristão, coincidindo com o dois de novembro, mas devido à forte raiz cultural de celebração, o sincretismo religioso foi eminente. Atualmente, na cultura mexicana, a historicidade do culto aos mortos ainda pode ser encontrada no culto à “santa morte”, e sua representação pela personagem *La Catrina*. Esse culto domina grande parte do imaginário mexicano, materializando-se nos altares edificadas à personagem e aos parentes mortos, os quais são decorados com uma mescla de objetos da cultura asteca e cristãos.

Pode-se afirmar que atualmente parte dos mexicanos mantém uma relação de celebração da morte, pois acreditam que ocorre uma integração social entre vivos e mortos nesses dias de festa, sendo que os mortos vêm confraternizar com os vivos por meio de

músicas, comidas e bebidas. A prática dos altares a serem edificados em casas, ou nas vias públicas, tem como objetivo acolher as almas de forma adequada aos seus antigos gostos, como a comida e a bebida preferida dos falecidos. Para outras pessoas há importância em visitar a tumba do ente querido e nela festejar com os amigos, levando ao cemitério as comidas, bebidas e alguns objetos de uso pessoal do defunto; para que quando esse venha celebrar com a família possa também desfrutar daquilo do que mais gostava quando estava vivo. Não é todo o México que compactua com essas tradições, uma vez que desde a colonização muito dos costumes europeus já se solidificaram nessa sociedade, mas ainda é uma característica cultural importante (MATOS MOCTEZUMA, 2010).

A cultura andina acredita na relação de reciprocidade com a força vital de tudo o que existe não se limita somente à relação humana, mas também do ser humano com o cosmo ou divino, resultando na ideia de complementação entre os vivos e os mortos (CUADROS, GAMBOA, SAAVEDRA, 2003).

Para os Incas o local era especialmente escolhido e se preparava um enxoval para acompanhar o morto, além de diversos rituais e celebrações. Enterravam o *Aya* (defunto mumificado) sentado, pois acreditavam que as múmias podiam conversar com outros ancestrais ou espíritos divinos. Alguns antropólogos apontam que em determinado período do ano, os familiares desenterravam seus parentes e lhes davam de comer e beber, vestindo-os com roupas finas e adornos, e passeavam com eles pelas ruas e praças, além de cantarem e dançarem em sua presença, antes de enterrá-los novamente (MOSKOWICH, SPIEGEL, 2003).

Em uma posição hierárquica diferente se encontrava El Inca (Yllapa), que era enterrado juntamente com vários potes de ouro e prata, suas mulheres e serviçais, os quais eram induzidos a ficarem bêbados e em seguida lhes faziam ingerir folhas de coca moída, em uma quantidade que os afogavam. Em todo o território choravam sua morte e os preparativos para o enterro duravam aproximadamente trinta dias (MOSKOWICH, SPIEGEL, 2003).

Na celebração em torno do “*Día de muertos*”, no Peru, nos cemitérios concentrados fora da capital, Lima, as pessoas realizam diversos rituais, como por exemplo: levar flores, comidas e bebidas, que agradavam o defunto e até contratam músicos para animarem a reunião entre os amigos e familiares ao redor do túmulo do ente querido. Com o objetivo de lembrar e receber o morto com alegria, uma vez que acreditam que nesse dia os mortos retornam à terra para rever os familiares e amigos. Devido ao processo de urbanização e modernização em Lima, os que visitam o cemitério no dia primeiro de novembro se atem a levar somente flores, pois é proibida a entrada de bebidas, comidas, instrumentos musicais ou

qualquer outra coisa que atrapalhe o ambiente silencioso, que se tornou o cemitério da capital peruana (CUADROS, GAMBOA, SAAVEDRA, 2003).

A tradição dos europeus, quase que totalmente de raiz cristã, celebra os mortos no dia dois de novembro, data instituída no século XI, pelos monges franceses de Cluny, com o objetivo de orar pelos falecidos, visitando os túmulos nos cemitérios católicos para fazer uma oração e levar flores. No dia anterior, dia 1º de novembro, os espanhóis e grande parte da Europa cristianizada, celebram o Dia de todos os Santos, frequentam a missa e lembram-se de todos os santos mártires, conhecidos ou não.

Em algumas regiões da Espanha, como as ilhas Canárias, o dia dos finados começa a ser celebrado no dia anterior, com a mãe ou avó contando determinadas situações engraçadas ou não dos parentes falecidos para toda a família, amigos e vizinhos reunidos; a reunião caminha ao ponto em que todos compartilham a comida entre si. Em seguida, a celebração familiar toma as ruas até a praça central, onde finalizam com música e um “baile dos defuntos”. Outras regiões visitam os cemitérios durante a noite, levando flores e acendendo velas, como também reúnem a família e oram pelo morto diante do seu túmulo.

Atualmente, as tradições que envolvem as celebrações ao redor da morte, na Espanha, tem um caráter intimamente ligado à religião cristã, base das ideologias mantidas nas mentes dos espanhóis, com um teor maior de lamento e de caráter mais individualista. De igual maneira o Brasil também mantém esse cenário nas celebrações de dois de novembro, ao recordar, geralmente com lamentos, os mortos.

Os relatos acima, narrando outras formas de ritualizar a morte, podem gerar uma relação de estranhamento interpretativo quanto a práticas culturais pouco comuns em nosso contexto. Celebrar a morte com festas? Estranhamento esse que se considera o ponto de partida para alargar a compreensão de outras possibilidades de agir no mundo, refletindo sobre as razões das pessoas se posicionarem dessa forma ou de outra, as consequências disso...Ou seja, na reflexão sobre como outras culturas lidam com grandes e importantes questões humanas, como a morte.

O ensino de uma segunda língua, como aqui argumentado, só será efetivo se os aspectos didático-metodológicos contemplarem a complexidade do binômio língua-cultura. Não se trata, assim, de uma aprendizagem meramente instrumental, mas envolve remeter o aprendente à sua própria cultura, à reflexão sobre as bases de suas crenças, às concepções de vida e de realidade que ele vem construindo com e na sua comunidade.

Abaixo adentramos às especificidades de nossa segunda categoria, a alimentação e sua relação com a semiótica da cultura espanhola.

A alimentação de mexicanos, peruanos e espanhóis

A gastronomia desempenha um papel de caracterização de uma nação, considerada um aspecto dentre tantos da cultura. As comidas refletem muito de um povo, conservando alguns aspectos que acontecimentos locais ou mundiais mostraram-se relativamente pouco capazes de alterar:

Se ha señalado incluso que la cocina es más conservadora que la religión, la lengua o cualquier otro aspecto cultural, ya que hay elementos fundamentales que permanecen resistiendo a las conquistas, a los procesos de migración y colonización o al cambio social y tecnológico, incluso a los efectos de la industrialización y urbanización (OCHOA, 2009, p.139)

Mesmo que seja algo natural do ser humano o ato de se alimentar, os pratos e bebidas despertam sentidos e provocam sensações variadas, pois algumas vezes remetem o sujeito a um passado de experiências agradáveis ou não, a um futuro de sabores que até então estava desconhecido, ou esquecido... Conhecer um povo também compreende em observar sua gastronomia, refletida, nesse trabalho, nas civilizações Asteca, Moche, Inca, Romana e Árabe.

Os Astecas são os responsáveis pela origem do Guacamole, da palavra *Ahuacatl* (abacate) e *mole*, um nome genérico para molho; “molho de abacate”, conhecido por acompanhar outros pratos, ou para ser degustado como aperitivo (CALVO, 2011). A bebida típica do país também tem sua origem pré-hispânica, com os índios “Tequilis”, que habitavam a região de Tequila, próxima a um vulcão, terra propícia para a plantação de agave, planta base para a fabricação da tequila, que significa “montanha de fogo”. Segundo Valenzuela-Zapata (2007), nos dias de hoje a bebida somente pode levar esse nome se for destilada do agave azul, colhido na região de Jalisco, no México.

Já no Peru as civilizações Moche e Inca apresentam em suas histórias o peixe cozido com um tipo de fruta ácida local e consumido com sal e pimenta. Depois da chegada dos espanhóis, dois ingredientes foram acrescentados, a laranja azeda e a cebola. O Ceviche, hoje, é o resultado de uma troca da laranja azeda pelo limão suave, reduzindo assim o tempo do cozimento. Pode ser acompanhado com a bebida típica peruana, o pisco, à base de uva, como uma aguardente que os indígenas da região denominada *Vale de Piskos* (pássaros, em quéchua), produziam. Existe uma discussão sobre a nacionalidade de a bebida ser também chilena, contudo de acordo com estudos de Harrell (2009, p.8): “En reacción a las medidas tomadas por Perú, Chile también há declarado el Pisco como una denominación de origen, aunque lo que ellos buscan no es exclusividad sino incentivo para su industria de pisco”.

Cada região da Espanha possui pratos singulares e por vezes alguns que são típicos de todo o território, mas que sofrem variações, como é o caso da *Paella*, que surgiu na região de Valência no século XV, pelos camponeses que partiam para o campo com a *paellera*, palavra de origem latina (romana), entendida como uma espécie de bandeja usada para colocar oferendas aos deuses. Adaptada pelos espanhóis como uma frigideira rasa e grande, com duas alças usada para o cozimento do arroz, azeite e sal, conforme a caça ou os legumes que dispunham, eram acrescentados ao prato dos trabalhadores. Outro ingrediente que também faz parte desse prato é o açafrão, trazido pelos árabes no século X, e o tomate, que foi adicionado depois do retorno de Colombo das Américas. Atualmente, cada região adapta a sua *paella* conforme os ingredientes de que dispõem, como frutos do mar, frango, pato e coelho; contudo a base de arroz, azeite, sal e açafrão é respeitada (DUHART, MEDINA, 2009).

O vinho é a bebida mais popular em toda a Espanha, trazida pelos bárbaros e árabes no início do século VIII e tendo-o como base criou-se a *Sangria* na região de Andaluzia, por famílias humildes que associavam essa bebida ao sangue dos touros, devido às corridas de touros, e misturado com água e pedaços de frutas, de acordo com cada região. É uma bebida típica do verão. Atualmente a Espanha tem a maior área de vinhedos do mundo e é a terceira maior produtora da península Ibérica.

A relação da alimentação com a semiótica e a cultura de um povo são assim explicadas por Parasecoli (2011, p. 645):

A alimentação é tanto uma fonte de significados como uma forma efetiva de comunicação, baseada em uma limitada embora ampla variedade de substâncias comestíveis, práticas, crenças e normas, que formam uma rede de sistemas simbólicos interconectados. Esses sistemas e seus usos na prática social constituindo uma semiosfera específica, são desafiadas quando seus usuários viajam e são confrontados com modos não familiares de alimentação, em termos de ingredientes, técnicas de cozimento, de temperos, preparos, utensílios, estrutura das refeições, maneiras à mesa, distribuição das refeições durante o dia, e a dinâmica social. Quando diferentes semiosferas culinárias interagem, as experiências relacionadas à alimentação revelam o caráter cultural das competências gastronômicas, forçando os indivíduos a se engajarem à Outridade, por meio da comunicação corporificada.

Conforme afirmação de que a alimentação é uma fonte de comunicação, denominada pelo autor como “comunicação corporificada”, apresenta-se como uma forma de diálogo, por vezes, pouco explorado pelos que tratam sobre essa temática e que nos indica peculiaridades essenciais para a compreensão de um povo. Os ingredientes, as técnicas de preparo, os utensílios, a maneira como vai à mesa e quando é degustada, são parte de um todo, para mais bem compreender e respeitar as respectivas culturas.

Festas e comemorações

As celebrações realizadas pelos mais diversos temas, desde a morte no México, às corridas de touros na Espanha, até as celebrações para o Sol, no Peru, revelam muito de cada povo hispano falante. São as expressões de uma cultura dotada de uma história, que perdura até a atualidade, com a mesma ou, por vezes, com maior intensidade daquela outrora celebrada.

A festa mais típica do México é, sem dúvida, “*El día de muertos*”, com raiz pré-hispânica em honra aos deuses de Mictlán (reino dos mortos) da civilização Asteca, como já dito. Mas outras explicações também rondam essa festividade mexicana, como uma celebração realizada após a colheita da abóbora e do milho. Outra justificativa seria a oferenda realizada aos deuses da morte para proteger as sementes, que haviam sido plantadas em meio ao período do inverno. Com a chegada dos espanhóis ocorreu a mescla dessa celebração com alguns rituais cristãos. Contudo, o mais intrigante, é a forma com que os mexicanos tratam a morte, muito bem representada nas palavras do poeta mexicano Octávio Paz, que esclarece a postura de seu povo diante dessa temática:

La palabra muerte no es fácil de pronunciar en las grandes ciudades del mundo; parece que quemara los labios. El mexicano, por el contrario, es familiar con la muerte: hace chistes sobre ella, no le quita el sueño, la celebra, es su juguete favorito y uno de sus amores imperecederos. A lo mejor hay en esta actitud tanto temor como pueda haber en otras, pero al menos demuestra que no se esconde ante la muerte, que la mira cara a cara con impaciencia, con desdén o con ironía. La indiferencia mexicana hacia la muerte es consecuencia de su indiferencia hacia la vida. Las canciones, los proverbios, las fiestas y las creencias populares muestran muy claramente que a los mexicanos la muerte no puede asustarles porque la vida ya les tiene curados de espanto. Es, por lo tanto, no sólo natural, sino deseable incluso, morir; y cuanto antes mejor (PAZ 1998, p.5).

No Peru, a celebração ao deus Sol, conhecida como “*Inti Raymi*” é um ritual inca festejado pelos habitantes da região onde hoje é a cidade de Cusco. O evento acontece mais especificamente nas ruínas de *Sacsayhuaman*, uma antiga fortaleza do império indígena. Baseada em ritos que se iniciam no templo do Sol, no centro da cidade, a celebração termina nas ruínas da fortaleza da cidade de Cusco com a cerimônia do fogo novo e o sacrifício de um animal, podendo ser um “cuy” ou uma “lhama”. Esta celebração faz parte das três mil festas que acontecem anualmente no território peruano (MOSKOWICH, SPIEGEL, 2003).

Na celebração ao Sol ocorrem representações e encenações que se baseiam em cenas históricas documentadas e com trajes típicos do período incaico. A festa acontece hoje no dia

vinte e quatro de junho e reúne uma multidão de mais de cem mil pessoas. Não contam mais com grandes quantidades de carneiros e lhamas sacrificadas nos dias que decorriam ao evento, como também não há o ritual de desenterrar os antigos imperadores e saírem com ele em procissão diante do povo, para que fossem adorados e rendessem sacrifícios a eles. O cronista espanhol Cristóbal de Molina testemunhou as “Inti Raymi” e traz um dado interessante sobre essa celebração no século XVI, "duraron ocho días arreo (sucesivamente, sin interrupción), dando las gracias al Sol por la cosecha pasada y suplicándole que en las sementeras por venir les diese buenos frutos" (PALOMINO, 2005, p.1).

A região de Navarra, ao norte da Espanha, conta com uma cidade denominada Pamplona, que é responsável por uma das maiores festas do país, dedicada a San Fermín. Acontece entre os dias seis a quatorze de julho. Celebrada desde a Idade Média, no século XIV, com uma mescla de festa religiosa, feira comercial e corrida dos touros, é mundialmente conhecida atualmente pelos *sanfermines*, pessoas que correm diante dos touros, conduzindo-os até a praça dos Touros. Atividade essa que muitas vezes provocou a morte de vários turistas despreparados, que se arriscam nos *encierros*.

Conforme aponta Husko (2004) o touro, para os espanhóis, tornou-se um símbolo da nação e também permeia o imaginário dos indivíduos em todo o globo, nas festas como a que se sucedem em Pamplona. Há a presença de pessoas que admiram os animais e todo o entorno festivo, como também os ativistas defensores dos touros, que aproveitam para fazer manifestações contrárias a qualquer ritual que envolva animais. De certa maneira, o país é assolado pela crítica mundial em relação às corridas de touros, uma tradição do povo espanhol.

Conhecido por muitos, a rivalidade entre os *madrileños* e os *catalanes* vai além do futebol e da língua, pois a corrida de touros é um ponto forte dessa rivalidade, na qual Madrid mantém e Barcelona transformou a *Plaza de los toros* em um shopping Center.

Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa não é traçar uma definição cultural dos povos apresentados, mas argumenta-se que, por meio do conhecimento do passado histórico, e da reflexão sobre a semiótica da cultura, podemos dar voz às suas próprias definições de mundo e colocá-las à disposição dos sujeitos, que estão no processo de ensino e aprendizagem do espanhol, numa perspectiva de desenvolver um olhar multicultural.

Parece ser próprio do ser humano posicionar-se favorável ou desfavoravelmente a determinados traços culturais, do que soa diferente, como é a relação de uma parte da sociedade brasileira em relação aos povos hispano falantes, surgindo assim pré-conceitos na

comparação com a sua própria cultura. Entretanto, o ponto de se abordar, educacionalmente, alguns dos costumes descritos anteriormente, é para que se conduza a uma sensibilidade da riqueza deste ou daquele fenômeno cultural, que ainda se reflete no modo de vida atual de determinadas sociedades. Com o intuito do fazer toda representação cultural humana ser digna de respeito, como Geertz defende:

Resumindo, temos que descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura, se é que desejamos encontrar a humanidade face a face (GEERTZ, 1989, p.38).

Quando se encontra essa humanidade face a face, é que se observa o que fazer seguido a isso, nesse aspecto surge a educação sociocomunitária, como uma das possibilidades de educação. Para Ribeiro Jr (2006) a educação numa perspectiva sociocomunitária também é multicultural, pois pode favorecer o empoderamento dos sujeitos e das suas comunidades de relação pelo alargamento das e da reflexão ética e crítica sobre as concepções que construímos da realidade. É exatamente essa a proposta de se ensinar o espanhol por meio das diversas culturas nas quais essa língua está inserida, e que será apresentada ao, e interpretada pelo aprendente nesse processo de aprendizagem. A proposta de conduzir o estudante a aprender outro idioma e sua respectiva cultura, tem por objetivo a reflexão sobre a sua própria língua e cultura, enfim, sobre sua realidade.

Referências

CALVO, Anna Barba. **Cómo preparar guacamole**. ene, v. 10, p. 00, 2011. Disponível em:< <http://suite101.net/article/como-preparar-guacamole-a13689#.VKxjlyvF9qU>> Acesso: 20 Dez de 2014.

CANCINO, Hugo; VALENCIA, Rogelio de la Mora; MENEZES, Lenà Medeiros; MOYA, Silvano G. A. Benito. **Miradas desde la historia social y la historia intelectual : América Latina en sus culturas : de los procesos independistas a la globalización**. 1a ed. – Córdoba : Centro de Estudios Históricos Prof. Carlos S.A. Segreti; Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Católica de Córdoba; Universidad Veracruzana, México. Instituto de Investigaciones Histórico-Sociales, 2012. E-Book.

CUADROS, Leslie Limay; GAMBOA, Tania Julca; SAAVEDRA, Maribel Arce. **Culto andino a los muertos en los cementerios de Lima Metropolitana**. Aportes Estudiantiles. Revista de Antropología, Lima, n. 3, 2003, p. 324-332.

DUHART, Frédéric; MEDINA, F. Xavier. **La paella en las culturas culinarias españolas y francesas (siglos xIx-xxI)**. Estudios del hombre, n. 24, p. 333-344, 2009.

FONTENELE, Sílvia Helena de Mendonça; SILVA, Kátia Adriano M. da; SOUSA, Antônia Ellita Correia de. Os Astecas e sua relação com a morte. **Ameríndia**, Ceará, v. 2, n. 2, p. 1-13 .2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Livros Técnicos e Científicos Rio de Janeiro: Editora S.A.,1989.

HARREL, Courtney. **Pisco por la razón o la fuerza: El debate entre Perú y Chile sobre la denominación de origen del Pisco y sus implicaciones**. SIT: Desarrollo Económico y Globalización Spring. Santiago, Chile. 2009. Disponível em: <http://digitalcollections.sit.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1712&context=isp_collection> Acessado em 05 jan. de 2015.

HUSKO, Chard. **La corrida del toro de osborne. Análisis semiótico de un logo que define a España**. 1ª Ed. 2004. Disponível em: < [http://gacetahispanica.com/wp-content/uploads/2012/06/ToroOsborne_ChadHusko .pdf](http://gacetahispanica.com/wp-content/uploads/2012/06/ToroOsborne_ChadHusko.pdf)> Acessado em 05 jan. de 2015.

MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. **La muerte entre los mexicas**. México: Tusquets Editores México. 2010.

MOSKOWICH SPIEGEL, Roberto-Luis. **Ritos y mitos de los incas y otros pueblos Indígenas en el Perú actual**. Sociedad Española de Estudios Literarios de Cultura Popular, SELICUP, 2003. Disponível em: <<http://webs.ono.com/garoz/G3-Moskovich.pdf>>. Acessado em 06 de jan. 2015.

OCHOA, Esther M. R. (2009) **Las nuevas culturas alimentarias: globalización vs. Etnicidad**. Osasunaz, núm.10, pp.135-147. Disponível em < http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2203561&pid=S1665-8027201000010001100016&lng=es2009. > Acessado em: 25 mai. 2013.

PARASECOLI, Fabio. Social **Semiotics: food in intercultural communication**. v. 21, n. 5, p. 645 – 663, nov. 2011. Disponível em:< [http://www.thisischile.cl/4400/4/658/ chilenismos-e-curiosidades-da-fala/Article.aspx](http://www.thisischile.cl/4400/4/658/chilenismos-e-curiosidades-da-fala/Article.aspx)>. Acessado em: 03 set. 2014.

Passeio dos mortos pelas ruas das cidades Incas. Disponível em: <<http://www.forosperu.net/showthread.php?p=13271846>>. Acessado em 25/05/2014.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad**. Postdata. México, Fondo de Cultura Económica, 1998.

PALOMINO, Luiz Guzmán; VEGA, Juan José. El Inti Raymi Inkaico: La verdadera historia de la gran fiesta del sol. **Boletín del Museo de Arqueología y Antropología**. 6 (1) p. 37-71, 2005. Disponible en: <http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/publicaciones/antropologia/2003_N01/a05.htm>Acedido en: 14 mai. 2014.

RIBEIRO JR, João. As especificidade da Educação sociocomunitária rumo à democracia. **Revista de Ciências da Educação**. Ano 8, nº14, jan./ jun. de 2006.

VALENZUELA ZAPATA, Ana. **Las denominaciones de origen Tequila y Mezcal y la biodiversidad en el género Agave sp.** CUCBA-Universidad de Guadalajara, Departamento de Salud Pública, 2007.